

Primeiras viagens de S. Josemaria a Portugal (1945)

Descreve-se a primeira viagem de S. Josemaria a Portugal, a instâncias da Irmã Lúcia de Jesus, para dar a conhecer o Opus Dei a vários bispos portugueses. Em resultado desses encontros e das circunstâncias internacionais, S. Josemaria muda os seus planos de expansão apostólica, e decide começar por Portugal.

12/12/2012

Descreve-se a primeira viagem de S. Josemaria a Portugal, a instâncias da Irmã Lúcia de Jesus, para dar a conhecer o Opus Dei a vários bispos portugueses. Em resultado desses encontros e das circunstâncias internacionais, S. Josemaria muda os seus planos de expansão apostólica, e decide começar por Portugal. Relatam-se outras três viagens a este país em 1945, a decisão de abrir um centro do Opus Dei em Coimbra, e a preparação da tradução portuguesa de «Caminho».

Prólogo

S. Josemaria esteve por doze vezes em Portugal, se dividirmos a viagem de Setembro de 1945 em duas etapas, separadas pelo intervalo de um dia. E será razoável contá-las deste modo, visto que as duas etapas tiveram diversas finalidades e diferentes acompanhantes.

Essas doze viagens tiveram, de facto, objectivos diversos, embora todas se inscrevessem na intenção geral de fazer o Opus Dei, de consolidá-lo e expandi-lo. Às quatro primeiras, de 1945 (1), poderíamos chamar preparatórias ou «viagens de reconhecimento» (embora também aproveitadas para a obtenção do apoio do Cardeal Patriarca de Lisboa no processo de aprovação pontifícia do Opus Dei); às seguintes – de 1948, 49 e primeira de 51 –, «viagens de consolidação» da Obra em Portugal; à segunda de 1951 e à de 1953, «viagens de petição e agradecimento»; às de 1967 e 70, «viagens de penitência»; e à de 1972, «viagem de catequese».

Convirá, antes de mais, recordar que em 1945 Portugal não se reduzia ao território ocidental da península Ibérica – limitado pela fronteira com Espanha e pelo Atlântico – com os arquipélagos de Madeira e Açores.

Além dos seus dez milhões de habitantes, consideravam-se portugueses todos os habitantes das chamadas «Províncias ultramarinas» – africanas, asiáticas e oceânicas –, algumas delas de enorme extensão, como Angola e Moçambique. Herança dos séculos XV e XVI – a «Era dos Descobrimentos» –, esses territórios estavam então em gradual e forte desenvolvimento, só interrompido pelas guerras de independência a partir de 1961.

No aspecto religioso o seu desenvolvimento era ainda maior. Embora constituindo em grande parte «terras de missão», a Igreja radicara nelas a ponto de a estrutura diocesana as abranger por completo, a começar por Goa, na Índia, sede do extenso e antiquíssimo «Padroado do Oriente». A língua portuguesa, porém, estendia-se muito além do «continente e ilhas» e das «Províncias ultramarinas»: não

esqueçamos que o português é também a língua do Brasil, o país com mais católicos do mundo. E tudo isto era importante para a expansão do Opus Dei.

Em 1945 o Governo era favorável à Igreja, sobretudo a partir da Concordata e do Acordo Missionário de 1940, quebrando mais de um século de hostilidades, primeiro de signo liberal e depois republicano. Facilitaram essa reconciliação a subida ao poder de um católico, Oliveira Salazar, em 1928, e, em 1929, a nomeação de um seu amigo, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, como Cardeal Patriarca de Lisboa, a figura eclesiástica de maior representatividade nessa altura, entre os 16 Bispos residenciais do país. Por outro lado, desde as Aparições de 1917, a piedade popular aumentara imenso, convertendo Fátima na «capital religiosa» do país, o que também contribuiu para a

aceitação pública da inequívoca catolicidade de Portugal.

Não escapavam ao Fundador do Opus Dei estas realidades, nem lhe escapava (como veremos adiante) a falta de formação cristã das camadas superiores, fruto amargo de mais de um século de perseguições à Igreja.

De qualquer forma, Portugal não constituía um objectivo primário de expansão do Opus Dei para o Fundador. Na verdade, o seu primeiro objectivo era Paris (2). Especiais circunstâncias, porém, levaram-no a mudar esse plano: por um lado, o isolamento político de Espanha após a 2ª guerra mundial, encerrando a fronteira com a França e dificultando as relações profissionais e académicas entre os dois países, necessárias para dar início ao apostolado da Obra; por outro lado, o empenho da Irmã Lúcia de Jesus, provocando a primeira

visita de S. Josemaria a Portugal, o que apressou a vinda da Obra a este país.

Por isso, o Fundador dizia que «as portas de Portugal nos foram abertas pela Virgem, pelas mãos da Irmã Lúcia» (3).

Relativamente a Portugal, o seu projecto era o de fazer chegar a Obra mais tarde, preferivelmente através de franceses, o que representa um surpreendente conhecimento da idiosincrasia portuguesa, uma grande sensibilidade histórica e uma fina caridade: dadas as antigas tensões políticas de Portugal com os reinos de Espanha, e estando o nosso país muito mais ligado à cultura francesa do que à espanhola, seriam mais facilmente acolhidos em Portugal os membros vindos da França (4).

De qualquer modo, a universalidade do Opus Dei implicaria, mais cedo ou

mais tarde, a sua vinda a Portugal, e o Fundador já tinha mesmo anunciado ao Cardeal Patriarca de Lisboa uma visita pessoal. Aconteceu isso em Março de 1944. Era então catedrático de Direito Civil em Santiago de Compostela o jovem Amadeo de Fuenmayor, e fora convidado a proferir duas conferências nas Faculdades de Direito de Lisboa e de Coimbra, dentro da «Semana Jurídica Espanhola», celebrada anualmente (5). Sabendo isso, o Fundador encarregou-o de visitar em Lisboa, da sua parte, o Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira (6), precisamente para lhe anunciar uma próxima vinda a Portugal e o seu intuito de o cumprimentar pessoalmente.

Seguindo exactamente as indicações recebidas do Fundador, Amadeo de Fuenmayor apresentou-se como professor espanhol, que era, solicitou

uma audiência, e só então explicou ao Cardeal que pertencia ao Opus Dei, desempenhando-se do encargo de S. Josemaria (7).

Acho notável o conhecimento que S. Josemaria revela do Patriarca de Lisboa: sabia do seu nível académico (fora professor da Faculdade de Teologia, e mais tarde da Faculdade de Letras de Coimbra) e da sua predilecção pela vida universitária. Aquela apresentação faria com que Cerejeira recebesse com gosto Amadeo de Fuenmayor na sua qualidade profissional, o que o ajudaria a captar desde o primeiro momento o carácter laical, ou melhor, secular, do Opus Dei.

Registe-se ainda, desse ano de 1944, em Julho, outra referência a Portugal, nomeadamente a Fátima, que havia de ser um dos santuários marianos da sua predilecção: a carta enviada a três bolseiros da

Universidade de Madrid, que preparavam em Coimbra os seus doutoramentos – entre os quais, Laureano López Rodo (8). Nessa carta pede-lhes que vão a Fátima, se coloquem aos pés de Nossa Senhora, e contactem com o Bispo Auxiliar de Madrid, D. Casimiro Morcillo, que ali se encontrava a acompanhar uma peregrinação (9).

A presença dos três universitários em Coimbra no verão de 1944, e as muitas amizades por eles aí feitas, vieram a ser um elemento de peso para o conhecimento do Opus Dei, primeiro, e depois para o início do apostolado estável do Opus Dei na cidade do Mondego (10).

Foi através de López Rodó também que o P. Urbano Duarte (11) descobriu o primeiro livro de S. Josemaria, *Caminho*, e se empenhou em traduzi-lo, livro que, em Portugal, como em toda a parte, constituiu um

verdadeiro «acontecimento» nos meios católicos. É possível que os primeiros contactos de Urbano Duarte com o autor sejam ainda de 1944. Infelizmente não guardou a sua correspondência com o Fundador, mas conservam-se no Arquivo Geral da Prelatura quatro missivas do tradutor a S. Josemaria: dois cartões timbrados de «O Assistente Eclesiástico do C.A.D.C.», e duas cartas. Os primeiros de 1945, e as cartas de 26-VI-1946 e 10-XII-1947.

O primeiro dos cartões (timbrado «O Assistente Eclesiástico do C.A.D.C.») pressupõe uma carta anterior, mas, curiosamente, parece que Urbano Duarte desconhece ainda a condição sacerdotal do autor de *Camino*, ou hesita quanto à devida forma de tratamento:

posso comunicar que, depois dum retiro de mês e meio na montanha, cheguei ao fim da tradução. Deixo

agora amadurecer um pouco, mas conto que em breve a tipografia comece a compor.

Ex.mo Senhor Escrivá de Balaguer e meu Mestre», principia. «Depois de receber com júbilo a carta de V.E.ia, em que me comunicava aceder com gôsto ao meu propósito de traduzir o “Camino” lancei-me imediatamente no trabalho e hoje posso comunicar que, depois dum retiro de mês e meio na montanha, cheguei ao fim da tradução. Tinha imenso desejo de conhecer o meu querido Mestre, porque há-de ser uma alma a captar até ao mais fugidio... Para mim foi uma revelação. Nenhum livro me coagiu tanto a meditar como o seu. Quanto às condições que teve por grande gentileza a amabilidade de depôr em minhas mãos, apresento as mesmas que dei à “Vita e Pensiero” de Milão pela tradução do “Dever e Sonho” de Mario Stico: os exemplares que quizer e 500 pesetas. Porém,

reposito as ordens são dadas por V.E.ia
mas peço não demore por causa da
tipografia. Afectuosissim.: P. Urbano
Duarte (12).

Reportemo-nos às circunstâncias
históricas deste ano de 1945.

Estando já garantida a vitória dos
«Aliados», em Fevereiro desse ano
reúnem-se Churchill, Estaline e
Roosevelt, em Ialta, onde se continua
a deliberar sobre a criação da ONU e
a divisão quadripartida da Alemanha
e da Áustria por forças aliadas de
ocupação, e se desenham as novas
fronteiras políticas do mundo. A
guerra terminaria em breve na
Europa, e tanto Portugal como
Espanha seriam marginalizados
pelos Estados vencedores. Quanto a
Espanha, Estaline propõe provocar a
demissão de Franco. O verdadeiro
intuito do chefe soviético era,
evidentemente, o de instalar o
comunismo em Espanha. Portugal

seria arrastado facilmente no mesmo sentido. Apercebendo-se da manobra, Truman, sucessor de Roosevelt (falecido entretanto), não aceita essa resolução de Ialta na conferência de Potsdam, em Abril desse mesmo ano (13).

De qualquer forma, a situação de ambos os países ibéricos era tensa e dramática. O comunismo, vencido em Espanha em 1939, voltava a ameaçar seriamente a península.

No plano religioso, a Igreja recompunha-se rapidamente em Espanha, e em Portugal mantinha o respeito do «Estado Novo», de Oliveira Salazar, que em 1940, como dissemos, se traduzira na Concordata e no Acordo Missionário com a Santa Sé. Entre outras cláusulas importantes para a vida católica, é de registar o reconhecimento civil dos casamentos católicos e a sua indissolubilidade perante o Estado. O

ambiente cultural, no entanto, continuava sofrendo as consequências de um século de perseguições políticas e ideológicas. Recordo que numa das viagens de 1951 S. Josemaria nos advertiu: «Portugal tem muito mau ambiente. Vós não podereis dar bem por isso, mas é verdade» (14). Com efeito, habituados a um acirrado clima anticlerical, parecia-nos esse o ambiente normal da nossa ou de qualquer outra sociedade.

Quanto ao Opus Dei, tinham-se ordenado os seus três primeiros sacerdotes em 1944, a expansão pelas principais cidades espanholas era fulgurante, e tratava-se de obter urgentemente um regime canónico universal, pontifício. Estava-se em plena «batalha jurídica», como dizia o Fundador. O propósito do Fundador de visitar em breve o Cardeal Patriarca de Lisboa inseria-se, decerto, nessa problemática: era

necessário dar a conhecer o Opus Dei ao maior número possível de Bispos e Cardeais, e conseguir deles as «cartas comendatícias» a entregar na Santa Sé, em apoio da aprovação desejada (15).

Primeira viagem: de 5 a 9 de Fevereiro

Motivo da viagem a Tuy

Um grande amigo do Fundador, D. José López Ortiz, fora ordenado bispo em 21 de Setembro de 1944 e nomeado para Tuy, tomando posse da diocese poucas semanas depois (16). Era desejo de S. Josemaria visitá-lo na sua nova função, e teve essa oportunidade em Fevereiro do ano seguinte. Sai de Madrid com D. Álvaro del Portillo no dia 29 de Janeiro, em direcção a Valladolid, no Studebaker a gasogénio conduzido por Miguel Chorniqué, motorista a quem frequentemente requeria esse serviço. Passa o dia 30 em Valladolid,

onde se ultimava a instalação do oratório de «El Rincón», o primeiro centro do Opus Dei nessa cidade (17).

No dia 31 viaja de Valladolid a Palência; no dia 2 de Fevereiro chega finalmente a Tuy, ficando albergado no paço episcopal.

Vivia em Tuy nessa altura a principal vidente de Fátima, então com o nome de Irmã Maria das Dores (18). Poucas pessoas – incluindo as freiras doroteias do convento, e exceptuando as superiores – sabiam da sua real identidade. A tal ponto, que se combinara um «código» a usar quando o Bispo queria chamá-la ao paço: – «Pode mandar-me uma rosa?», perguntava por telefone o Prelado à Superiora do convento (19).

Tinha ela entrado no convento de Tuy em 24 de Outubro de 1925, como postulante, mas em 1945 já estaria pensando na passagem ao Carmelo,

conforme um velho desejo seu. De facto, logo no ano seguinte, 1946, voltaria a Portugal, e em 25 de Março de 1948 entraria no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra (20).

Encontros com a Irmã Lúcia de Jesus

Conhecendo bem o Fundador do Opus Dei e o seu grande amor a Nossa Senhora, D. José lembrou-se de perguntar-lhe se gostaria de conhecer a vidente. – «Teria muita alegria!», foi a resposta esperada (21). Deve ter-se passado isto no dia 2 ou 3 de Fevereiro. Nesse primeiro encontro não esteve presente o Prelado de Tuy, nem D. Álvaro, provavelmente.

Esperando por ela nalguma sala, e vendo-a aproximar-se, a saudação de S. Josemaria foi a seguinte: – «Irmã Lúcia: se a Irmã Lúcia e eu não somos santos, vamos para o inferno!» Ao que ela respondeu imediatamente: – «Padre, quantas

vezes tenho pensado nisso!» (22).
«Tratei-a com segura», recordava o Fundador mais tarde, «porque sabia que era uma santa; e não só não se aborreceu, mas voltou para dizer-me que o Opus Dei tinha de ir a Portugal» (23).

Esse primeiro encontro com S. Josemaria terá sido decisivo para essa petição, mas não se tratou de um impulso precipitado por parte da vidente. Se já em Portugal o Opus Dei e o seu Fundador eram conhecidos em 1937 (24), quanto mais teria ouvido falar deles em Espanha – favorável e desfavoravelmente – uma doroteia em 1945!

S. Josemaria respondeu-lhe que, por seu desejo, iria imediatamente; simplesmente, não viera preparado para isso: nem ele nem D. Álvaro traziam sequer passaporte. Se esse era o problema, replicou-lhe Lúcia, resolvia-o ela própria facilmente. E

assim fez, de modo que, no dia seguinte (5 de Fevereiro), já estavam munidos de salvo-condutos para atravessar a fronteira. Quanto às suas diligências, só souberam que telefonara para Lisboa; talvez para o Cardeal Patriarca, supuseram (25).

Antes de sair para Portugal, recorda o secretário de D. José López Ortiz, D. Eliodoro Gil Rivera, que «o Padre teve um daqueles gestos simpáticos e afectuosos que lhe eram habituais: perguntou à vidente se queria alguma coisa para a sua família, que íamos ver pouco depois. Sor Lúcia não queria nada, mas lembro-me de que comprámos uns pães então muito cotizados e lhos levámos. Quando regressámos a Portugal, Sor Lúcia quis ver o Padre novamente para lhe agradecer» (26).

Saíram, pois, no dia 5 de Fevereiro, de manhã, sem nenhum objectivo determinado (27), excepto o de

conhecer Portugal e contactar com alguns bispos. «Entrámos sem passaporte», comentaria mais tarde S. Josemaria, «e isso é que está bem – porque somos portugueses!».

No Studebaker, além do condutor, seguiam S. Josemaria, D. José López Ortiz, o P. Álvaro del Portillo e o P. Eliodoro Gil Rivera. Era uma segunda-feira. Entram, naturalmente, por Valença do Minho. Passam por Viana do Castelo, e vão almoçar ao Porto, a «O Escondidinho», nessa época o restaurante de referência mais conhecido, que lhes terá sido indicado em Tuy ou recomendado por algum portuense consultado na altura (28).

*Visitas ao Bispo de Leiria (Fátima),
ao Patriarca de Lisboa e ao Bispo de
Coimbra*

Retomam viagem por Vila Nova de Gaia, passam por Coimbra, e chegam a Leiria.

Aí param de novo, e vão cumprimentar o Bispo da diocese (mais tarde intitulada de Leiria-Fátima), D. José Alves Correia da Silva (29), no Paço, onde conhecem também o futuro Bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, então cónego. E aí jantam, seguindo depois até Fátima.

Era a primeira vez que S. Josemaria visitava a Capelinha de Nossa Senhora de Fátima, pela qual, como vimos, já nutria grande devoção. É fácil imaginar como lhe terá confiado todo o futuro trabalho apostólico do Opus Dei em Portugal, em todo «o império português», como então se dizia, e no Brasil. Passam a noite na «Pensão de Fátima».

No dia seguinte, 6, celebra a Santa Missa no Santuário e redige um

prólogo para a quarta edição de *Santo Rosário*, que sairia do prelo no mês de Maio desse ano:

Como en otros días –¡Lepanto!–, ha de ser hoy el Rosario arma poderosa, para vencer a los enemigos de la Santa Iglesia Romana y de la Patria. Desagravia al Señor, ensalza con tu lengua a su Madre: reparación pide tu Dios, alabanzas de tu boca, porque – y son palabras del Soberano Pontífice, a su Guardia Noble, el último día del año 1944 – “la hostilidad de los enemigos de Cristo y de la Iglesia tuvo en todo tiempo a su servicio no solamente las críticas malévolas y los asaltos vehementes, sino principalmente las calumnias venenosas, las insinuaciones cautas y los rumores vagos y anónimos, hábilmente difundidos, que no pocas veces sorprenden la buena fe, incluso de algunos cristianos ignorantes o crédulos”. Saeta que hiere es la lengua de ellos, dice

Jeremías (IX, 8). Ojala sepas y quieras tú curar esas heridas, con esta admirable devoción mariana y con tu caridad vigilante.

En el Santuario de Fátima, día 6 de febrero de 1945.

D. José López Ortiz recorda essa primeira visita do Fundador do Opus Dei a Fátima muito sucintamente, esquecendo, naturalmente, um pequeno pormenor que lhe dizia respeito e a que achou graça o Fundador: o comentário cheio de simplicidade da mãe da Jacinta e do Francisco – «O senhor Bispo é tão feio!» – e que não lhe agradou demasiado... É nessa altura que visita a mãe da Irmã Lúcia, e lhe entrega os saborosos pães galegos de que fala o P. Eliodoro. A visita é registada na *Voz de Fátima*, com uma incorrecção: «Veio ao Santuário, de visita, S. Ex.cia Rev.ma o Senhor D. Frei José Lopez Ortiz, bispo de Tui, Espanha. Era

acompanhado de seu secretário particular, Rev.º D. Eliodoro Gil Rivera e dos Rev.os P.es D. José Maria, Escrivão de Balaguera [sic], e D. Álvaro del Portillo. Com Sua Rev.^a veio de Leiria o Rev. Sr. Cónego Galamba de Oliveira» (30).

E regressa a Leiria, onde almoça com o Sr. Bispo, já seu conhecido.

Entre as pessoas presentes no Paço, estava o P. Carlos Duarte Gonçalves de Azevedo, que nos deixou um «Apontamento acerca do meu encontro com o Revº: Padre José Maria Escrivá» (na realidade foram dois, um em Leiria e outro na Quinta da Formigueira), pelo qual ficamos a saber um dos temas da conversa:

«O Snr. Pe. Escrivá falou-me do “Opus Dei”. Dessa conversa franca, duas coisas apenas me ficaram gravadas e que não mais pude esquecer:

1º) A perseguição que a sua obra sofreu ao ser iniciada; não recordo pormenores.

2º) Graves acusações chegadas a Roma contra o Pe. Escrivá. Quanto às consequências, disse-me S. Rev^a., substancialmente, isto: “A minha vingança foi mandar comprar a melhor vida de Santo Inácio e ordenar a sua leitura em todos os centros da Obra; o castigo que a Santa Sé me deu foi conceder-me o privilégio de “Altar portátil”».

«A impressão que me ficou dos meus dois encontros com o Snr. Pe. José Maria Escrivá», termina o apontamento, «foram as melhor possíveis dum Sacerdote piedoso, franco e jovial» (31).

Enquanto conversa com o Bispo de Leiria e os restantes comensais, e Miguel Chorniqué espera por ele à porta, aparece outro carro, donde sai «um Bispo de Moçambique. Vendo o

carro do Padre, com a matrícula espanhola, exclamou alegremente: - Um carro de Bilbau! E entrou no Paço. Deve ter falado com o Padre», induz Miguel. «Saíram juntos. Despediram-se, antes de entrarem cada um para o seu carro. O Padre, já dentro do carro, disse que a Obra não podia ir ainda a Moçambique, porque havia muito que fazer em Portugal» (32). De Leiria continua viagem por Alcobaça, Caldas da Rainha, Vila Franca, e entra em Lisboa. Não sabemos em que hotel se hospedaram os viajantes. Talvez no Hotel Metrópole.

No dia 7 vão ao Patriarcado, então no Palácio de Santana, no Campo dos Mártires da Pátria, cumprimentar o Cardeal Cerejeira. Como fez com os outros prelados, dá-lhe notícias do Opus Dei, que ele já conhecia por Amadeo de Fuenmayor, e trocam impressões sobre a sua expansão em Portugal. Como antigo e saudoso

«coimbrão», é mais do que provável que o Cardeal lhe tenha sugerido começar pela cidade do Mondego, onde se cruzam estudantes de todos os pontos do país (33). Mas suponho que o Fundador conheceria já suficientemente Portugal e o prestígio universitário de Coimbra, a «Lusa Atenas», para não necessitar desse conselho amigo.

Nessa mesma noite já se encontra Coimbra. No dia seguinte cumprimenta e conversa com o Bispo de Coimbra, D. António Antunes – que insiste em recebê-lo, apesar de estar doente –, sobre a Obra e os seus projectos, o que o piedoso bispo acolhe com muito entusiasmo (34). E nesse mesmo dia regressa a Tuy, aí deixa D. José López Ortiz e o seu secretário, e vai dormir a Pontevedra. Esta primeira viagem serviu-lhe, portanto, para explicar o Opus Dei aos bispos que visitou, recebendo de todos um óptimo

acolhimento e ficando assim cumprida a fase preparatória do início do trabalho da Obra em Portugal. Tendo iniciado a visita sem nenhum especial objectivo, como vimos, apercebeu-se imediatamente, por todas as circunstâncias que a provocaram e a rodearam, de que a Providência divina lhe apontava Portugal como a meta mais próxima da expansão da Obra fora de Espanha. E já nesse mesmo ano, poucos meses depois, prepara um pequeno grupo de filhos seus para esse efeito (35).

Segunda viagem: de 16 a 19 de Junho

Motivos da viagem

Em Junho é acompanhado por D. Álvaro del Portillo e por Amadeo de Fuenmayor, sendo o carro conduzido ainda pelo habitual motorista, Miguel Chorniqué. Sai de Vigo e chega directamente a Fátima nesse

mesmo dia, 16, Sábado. No dia seguinte passa por Leiria, onde almoça com o Bispo, D. José Alves Correia da Silva.

À tarde continua a viagem para o sul, até Lisboa e ao Estoril, onde dorme.

Nova visita ao Cardeal Cerejeira

Depois de celebrar a Santa Missa numa das duas igrejas do Estoril, dirige-se à capital para conversar novamente com o Cardeal Cerejeira. Terá sido este, afinal, o principal objectivo da viagem, o que nos permite pensar, com toda a probabilidade, que já não se tratava de preparar a vinda do Opus Dei a Portugal, mas de lhe falar do processo em curso da aprovação pontifícia da Obra, para as cartas de recomendação convenientes.

Com efeito, após a aprovação diocesana, em Madrid, que permitiu a ordenação de três membros da

Obra ao serviço desta, era urgente a sua aprovação pontifícia, dada a natureza universal do Opus Dei e a sua iminente expansão além fronteiras. Já em Itália estudavam alguns membros (José Orlandis e Salvador Canals), e avizinhava-se o começo do apostolado estável em Portugal. Era, pois, conveniente que o Cardeal de Lisboa fosse informado das diligências que estavam sendo efectuadas no Vaticano nesse sentido e, inclusivamente, sugerido que as apoiasse.

E assim aconteceu. Quando chegou o momento de pedir a aprovação pontifícia, um dos seus requerentes foi precisamente Cerejeira (36). A conversa terá sido relativamente prolongada. Amadeo de Fuenmayor recorda sucintamente o ambiente desse encontro. Cerejeira recebeu com cerimónia o P. Escrivá, e espraiou-se em considerações várias, que S. Josemaria escutava com o

devido e protocolar respeito. A certa altura, com um leve gesto, mostrou desejo de fazer algum comentário ao que o Patriarca estava dizendo, e este, delicadamente, dispôs-se a ouvi-lo. A partir daí a conversa animou-se, correu cada vez mais a cargo do visitante, e quando se despediram o protocolo já dera lugar a tal confiança, que pareciam – comenta Fuenmayor – «dois velhos colegas de Seminário» (37).

Quem conheceu o Fundador do Opus Dei imagina facilmente o desenrolar desta cena. Respeitador de todo o protocolo, conseguia sair dele rapidamente com amabilidade, entabulando uma conversa amistosa, substancial e bem-humorada. A sua caridade e o seu génio comunicativo não lhe permitiam manter-se muito tempo num nível de frieza cerimoniosa. Conhecidos, para ele, haviam de ser amigos.

Coimbra

Após a audiência, certamente frutuosa, tomam o caminho de regresso, não sem antes enviar um postal para os seus filhos de Madrid. Em Coimbra desviam-se para o Luso e passam a noite no Hotel do Buçaco. No dia 19 ainda volta a Coimbra. Celebra a Missa na igreja de Santa Cruz (38), e é nesse dia certamente que acompanha o Professor Guilherme Braga da Cruz na visita a uma típica «república» estudantil. De facto, sendo Braga da Cruz conhecido de Amadeo de Fuenmayor, é mais do que provável que se tivessem cumprimentado nessa altura e surgisse a ideia de darem uma volta pela cidade e fazerem tal visita. Ao Fundador do Opus Dei interessava-lhe certamente conhecer de perto a vida académica coimbrã, em que as «repúblicas» intervinham mais poderosamente naquele tempo do que hoje. O certo é que foram à

«república» do «Babaou» (39), situada no «Penedo da Saudade». Entre outros, ali viviam então Rogério Soares, que veio a ser professor de Direito, e o estudante de Letras Ruben Leitão, que sobressaiu como literato.

O ambiente de uma «república» nada se parecia com o ambiente familiar e ordenado que S. Josemaria já tinha plasmado em várias Residências ou Colégios Maiores em Espanha, e que desejava implantar aqui também. Mas não lhe escapou a graça boémia da velha instituição coimbrã, nem teve pejo em corresponder ao convite de rabiscar, ainda mais, uma das paredes caiadas, como recordação da sua passagem: desenhou um pato. Era o seu desenho preferido: duas circunferências a fazer de corpo e cabeça, dois «paus» terminados em bolas a fazer de pés, e o bico - de um só traço (bico fechado), sendo pato;

ou de dois, abertos em V... se fosse pata (40).

Também é provável que nesse dia ou no anterior visitasse mais uma vez o seu amigo D. António Antunes, que lhe pedira que o Opus Dei começasse pela sua diocese. E muito provável, igualmente, uma visita ao mosteiro de Santa Clara, onde está depositada a Rainha Santa Isabel de Aragão, percurso indispensável a qualquer visitante de Coimbra, e mais ainda no seu caso. De qualquer modo, no dia 19 regressou a Tuy.

Surpreende-nos a resistência do Fundador do Opus Dei a estas contínuas viagens de centenas de quilómetros nas condições em que se faziam nessa época, para não falarmos já das próprias condições físicas do S. Josemaria, padecendo de forte diabetes. Mas as que fez em Portugal devem-lhe ter parecido bastante mais suaves do que os

milhares de quilómetros percorridos em Espanha por aquela época.

Terceira viagem: de 17 a 22 de Setembro

Terceira vista ao Cardeal Cerejeira

Tendo saído de Portugal por Valença no dia 19 de Junho, no dia 22 está em Santander; de Santander a Valladolid, onde permanece até ao 24, e nessa mesma data chega a Madrid, para seguir até Sevilha no dia 25, regressando da Andaluzia a 28. Em Julho, Agosto e princípios de Setembro está em «Molinoviejo» (centro de convívios e retiros a cerca de 70 quilómetros da capital), com saídas quase diárias a Madrid (41).

Após a primeira viagem a Portugal o Fundador começara a falar de uma próxima expansão da Obra ao nosso país, com o que todos se entusiasmaram, entre os quais o primeiro que havia de vir trabalhar

cá, Francisco Martínez García, finalista de Farmácia em Madrid. Em Agosto, estando em Molinoviejo, S. Josemaria pergunta-lhe se gostaria de vir para Portugal, e fica muito satisfeito com a resposta positiva de Francisco. Com os outros terá sucedido o mesmo por essa altura.

A 13 de Setembro S. Josemaria envia ao Cardeal Cerejeira uma carta, anunciando-lhe uma próxima visita:

Emmo. Sr. D. Manuel Gonçalves

Mi muy venerado y querido señor Cardenal:

Se me presenta ocasión de ir, en estos días, a Lisboa; y voy a aprovecharla, porque deseo consultar con Vuestra Eminencia algunas cosas. Iré sin prisas, para quedar a las órdenes de Vuestra Eminencia el tiempo que sea necesario.

Con sincero cariño, besa la Sagrada
Púrpura de Vuestra Eminencia

su affmo. s.

Josemaescrivá (42).

No dia 17 de Setembro, uma
segunda-feira, S. Josemaria parte de
Madrid, por Oropesa e Badajoz, entra
no nosso país por Elvas, e descansa
em Estremoz. Vem acompanhado
novamente por Álvaro del Portillo e
também pelo architecto Ricardo
Fernández Vallespín, que guia um
pequeno Lancia Aprilia. De Estremoz
segue no dia seguinte até Lisboa.
Instalam-se num hotel da Baixa, o
Tivoli, mas o calor e o cansaço
impedem-no de trabalhar. Vem para
tratar de assuntos importantes com o
Cardeal Cerejeira, relativos à
aprovação pontifícia do Opus Dei, e
deseja certamente rematar alguns
documentos para sua informação.
Tendo o cuidado de não o
consultarem, Álvaro del Portillo e

Ricardo Fernández Vallespín cuidam essa mesma tarde de buscar um local mais fresco, e, a conselho de um amigo, Almeida (talvez o dono do próprio hotel em que se instalam), acabam por ir dormir ao Estoril (43).

No dia seguinte, após a celebração da Santa Missa, seguem para Lisboa, mas só encontram no Paço o Bispo auxiliar, de Batarva, D. João dos Campos Neves (mais tarde Bispo de Lamego), que os informa da ausência do Cardeal, em férias na casa do irmão, médico, na Serra da Estrela. Saem de Lisboa, e vão pernoitar a S. Martinho do Porto. De S. Martinho, no dia 20, vão a Fátima.

A Voz de Fátima regista uma vez mais a sua presença, e desta vez sem gralhas: «Passaram pelo Santuário dois sacerdotes espanhóis, Rev.os D. Álvaro del Portillo e D. José Maria Escrivá de Balaguer, Presidente da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz.

Eram acompanhados pelo arquitecto espanhol D. Ricardo Fernández Vallespín» (44).

De Fátima seguem por Tomar, Fundão, Covilhã, e param nas Penhas da Saúde.

No dia 21, finalmente, encontram-se com o Patriarca, na casa do seu irmão, em Rosanegra. Com ele conversam, e almoçam depois com toda a família. As fotografias que se conservam desse encontro são muito expressivas do clima de amizade e boa disposição de todos. Alguém me fez notar que são raras as fotografias do Cardeal com tão aberto sorriso.

De Rosanegra voltam à Covilhã, atravessam a Guarda, entram em Viseu, e sobem até Serém, para jantarem. E dali partem até Aveiro, para o repouso nocturno, no Hotel Arcada.

De Aveiro dirige-se ao norte, no dia 22, por estradas que já conhece bem, e vai jantar e dormir ao paço episcopal de Tuy, onde o espera o seu bom amigo D. José López Ortiz.

Quarta viagem: de 24 a 27 de Setembro

Visitas aos Bispos de Braga e do Porto

Com o intervalo de um dia, 23, em que vai até Vigo e regressa a Tuy, deixa novamente a Galiza, e retoma os caminhos de Portugal (45).

Esta nova viagem difere da anterior, cujo motivo óbvio era o encontro com o Cardeal de Lisboa. Desta feita o seu objectivo é visitar alguns bispos portugueses e contactar com os de Braga e Porto, que ainda não conhece. Toma consigo novamente o seu querido amigo e Bispo de Tuy, D. José, e continua acompanhado por Álvaro del Portillo e Ricardo Fernández Vallespín. Entra por

Valença, e atinge Braga. Aí dirige-se ao Paço, e cumprimenta o senhor Arcebispo, D. António Bento Martins Júnior (46). Em seguida vai até à Quinta da Formigueira, em Parada de Tibães, onde se encontra nessa ocasião o Bispo de Leiria, já seu conhecido.

Dali dirige-se ao Porto. Vai ao Paço Episcopal (na Torre da Marca) para cumprimentar D. Agostinho de Jesus e Sousa (47), que os recebe com grande afecto, e a quem S. Josemaria explica o Opus Dei.

Quando falava deste encontro, S. Josemaria Escrivá não deixava de recordar, agradecido, a sua afabilidade, manifestada no fim da conversa pelo convite a um «chazinho» – «una pequeña merienda» o «un pequeño agasajo», como lhe terão traduzido essa velha maneira portuguesa de falar do lanche. Mas, qual a sua surpresa

quando entrou na sala de jantar e viu a mesa repleta de iguarias, desde o tal «chazinho» ao leite e ao café, pão, manteiga, doces, biscoitos e bolachas, não sei se vinho do Porto e cálices!... Sobretudo para quem vinha da austera Espanha desses anos, aquilo parecia «más bien» um banquete! Nunca mais se esqueceu, e sempre achava graça, ao famoso «chazinho» portuense (48).

Do Porto ruma ao sul e, em chegando à Mealhada, desvia-se para o Luso, onde passam aquela noite. Deseja conversar de novo com D. António Antunes, e no dia seguinte vai a Coimbra, mas infelizmente o senhor Bispo está em Arganil. Aceitam o convite para o almoço no Seminário Maior, onde vive habitualmente o Prelado. Decerto, o seu plano era o de regressar nesse mesmo dia ao Porto, onde teria marcado jantar com o cônsul de Espanha naquela cidade, mas, como já não dispõe de tempo

para ambos os encontros, essa mesma tarde desfaz o caminho andado, janta com o cônsul, e dorme na capital do Norte. E no dia 26 regressa a Coimbra, envereda pela Estrada da Beira, e entra em Arganil, onde D. António o espera e com quem conversa tranquilamente, muito provavelmente sobre a próxima instalação de uma residência universitária da Obra em Coimbra.

Dorme em Coimbra, e regressa a Vigo no dia 27. Mas pára em Braga, onde visita o santuário do Bom Jesus, e almoça em Parada de Tibães, novamente com o Bispo de Leiria. Dessa viagem conservam-se uma fotografia da visita ao Bom Jesus e outra com o Bispo de Leiria e o P. Sebastião Cruz, futuro Professor de Direito Romano em Coimbra. D. Álvaro del Portillo também conservou na memória a profunda impressão que lhe causaram os

sinais do martírio sofrido pelo santo Prelado nos primeiros tempos da República – as pernas tremendamente inchadas –, assim como todo o pitoresco da verdura minhota, «coisificada» no caldo verde e no vinho verde que fizeram parte do repasto bracarense (49).

Saem por Valença, deixam em Tuy D. José López Ortiz, e rematam a viagem em Vigo, donde o Fundador partirá no dia seguinte para Madrid.

Primeiros frutos (1946)

As viagens de 1945 foram as primeiras de S. Josemaria fora de Espanha, se não contarmos a brevíssima peregrinação a Lourdes em 1938, após a aventureira passagem dos Pirinéus. Não diferiram substancialmente das inúmeras viagens que fizera, e continuaria a fazer, pelas mais diversas cidades espanholas, em ordem à expansão do Opus Dei:

contactos pessoais com os respectivos Bispos, observação atenta das circunstâncias sociais e religiosas, captação rápida, mas profunda, da sua particular idiossincrasia e dos seus usos e costumes, sem esquecer o seu *background* histórico, e conhecimento «físico» de cada terra, percorrendo-a demoradamente (se possível, «palmilhando-a»), e «enchendo-a» de intensa oração.

Antes disso, porém, já a sua oração e a sua mortificação as haviam preparado abundantemente. Não é de estranhar, portanto, que, apesar de «improvisada», qualquer viagem rendesse bons frutos desde o primeiro momento. Assim aconteceu em Portugal: dos 14 Bispos residenciais do continente (em 1945), veio a conhecer os das maiores dioceses: Braga, Porto, Coimbra, Leiria e Lisboa. De todos recebeu bom acolhimento, e com três deles –

Coimbra, Leiria e Lisboa – entabulou perdurável amizade. Se o grande afecto que nutriu – e foi correspondido – pelo Bispo de Leiria não teve efeitos imediatos para a Obra, já a amizade com D. António Antunes e com o Cardeal Cerejeira os teve: o início do apostolado estável do Opus Dei em Portugal e a obtenção de «cartas comendatícias» para a primeira aprovação pontifícia da Obra.

Primeiro centro em Portugal

De facto, logo no ano seguinte, em 5 de Fevereiro de 1946 – rigorosamente um ano depois da sua primeira entrada em Portugal –, chega a Coimbra Francisco Martínez, o primeiro membro da Obra a residir e trabalhar no nosso país, e pouco depois Xavier de Ayala e Álvaro Del Amo. Em 21 de Maio, o Fundador já pode requerer formalmente a vénia do Bispo de Coimbra:

Muy venerado Señor Obispo:

He agradecido vivamente las dos cartas de Vuestra Excelencia Reverendísima, y las noticias que en ellas me da de los doctores españoles que se encuentran en Coimbra. Posteriormente habrá tenido el honor de saludar a Vuestra Excelencia el Profesor de la Universidad de Santiago Dr. López Rodó. Ya habrá tenido conocimiento Vuestra Excelencia de que, gracias a Dios, se ha encontrado en Coimbra una casa de alquiler. Y por esta razón agradeceré mucho que nos facilite el modelo del documento necesario para poder solicitar de Vuestra Excelencia Reverendísima el permiso para Oratorio semipúblico y Sagrario.

He deseado mucho poder ir a Fátima para asistir a esa máxima manifestación de amor a la Santísima Virgen, pero me ha sido

completamente imposible. Había recibido, además, una invitación personalísima del Señor Obispo de Leiria, y lo he sentido por esto doblemente. Espero, sin embargo, poder saludar a la Virgen en el próximo mes de septiembre, cuando vaya también por Coimbra.

Pide la bendición y besa el Anillo Pastoral de Vuestra Excelencia Reverendísima el pecador... (50).

Em Outubro começa a funcionar o primeiro centro – a «Residência Universitária de Montes Claros» –; e a 7 de Dezembro é benzido o respectivo Oratório pelo próprio Bispo de Coimbra.

Cartas comendatícias

Quanto à obtenção da «carta comendatícia» do Cardeal, não só a obtive, como também a do Cardeal de Lourenço Marques, D. Teodósio de Gouveia. «Beatissime Pater» – reza

em latim curial a do Patriarca de Lisboa –. Infrascriptus Cardinalis Patriarcha Lisbonensis ad Sanctitatis Vestrae pedes humiliter prostratus, enixe precatur ut Societati Sacerdotali Sanctae Crucis, hucusque iuris dioecesani, Decretum Laudis et Constitutionum adprobationem Sanctitas Vestra concedere dignetur...».

Seguem as razões pelas quais o Patriarca considera, tanto o Opus Dei como o seu Fundador, dignos dessa aprovação, refere o começo da sua actividade em Coimbra, e manifesta o ardente desejo de que se estenda à sua Diocese e a todo o país, como um efficacíssimo meio do apostolado moderno. E é datada em Roma, no dia 1 de Março de 1946 (51).

A carta do Cardeal Gouveia, de 5 de Março, ainda é mais entusiasta:

Beatissime Pater, / Non possum quin pro viribus Apostolicae Sedi

Societatem Sacerdotalem Sanctae Crucis, olim “Opus Dei” dictam, imo corde commendem...». Explica o motivo pelo qual a redige em Madrid (regressando de Roma, aí parara e tivera ocasião de confirmar a importância da Obra para os tempos modernos), releva a preparação intelectual dos seus membros, decisiva para o trato com os «infiéis», e sonha com a sua presença quanto antes em Moçambique.

«Quare supplex ad Sedem Apostolicam accedo iterum atque iterum postulans ut Sanctitas Vestra Decretum Laudis et Constitutionum approbationem Societati Sacerdotali Sanctae Crucis elargiri dignetur... (52).

Relações de amizade

Por outro lado, o Fundador volta a encontrar-se pessoalmente com o Patriarca de Lisboa em San Sebastián no dia 7 de Fevereiro de 1946, tendo

a gentileza de lhe custear as despesas da estadia nessa cidade e almoçando com ele no dia 8 (53); e mantém amistosa correspondência com o Bispo de Leiria. Ainda em 1945 envia-lhe umas belas «sacras» de bronze como presente de aniversário da sagração episcopal. Este agradece-lhe por carta:

Leiria

Secretaria Episcopal, 7 de dezembro de 1945

Revmto Señor e bom Amigo

Post tot tantosque labores recebi as sacras que me quiseram mimosear a propósito do XXV ano da minha Sagração Episcopal. Muito obrigado. Já hoje me serviram na Missa que celebrei no oratorio desta Residencia à espera que esteja o altar da Igreja do Santuario de Nossa Senhora de Fátima para ahi serem colocadas como oferta de V. R.cia e da Sociedad

Sacerdotal de la Santa Cruz que Deus abençoe e tanto estimo.

Rogo o favor de apresentar os meus (*cumprimentos*) ao Rev.do Dr. Engenheiro D. Alvaro del Portillo y Diaz [sic] de Sollano de quem conservo as melhores lembranças.

Peço à Santíssima Proteja a Sociedad Sacerdotal de la Santa Cruz e todos os seus membros.

De V. Rev.cia / servo em Jesus Cristo / +José, Bispo de Leiria (54).

A correspondência continua em 1946. No Arquivo Histórico de Leiria-Fátima conserva-se a carta seguinte, do Fundador, em papel timbrado da «Sociedad Sacerdotal de la Santa Cruz – El Presidente» e datada de Madrid, 21 de Maio:

Excmo. y Rvdmo. Sr. Don José Alves Correia da Silva

Muy querido Señor Obispo:

Recibí la carta de Vuestra Excelencia Reverendísima a su debido tiempo. Con cuanta alegría hubiera ido a Fátima: no me fue posible. Pero, desde luego, he seguido con todo cariño las incidencias de todas esas manifestaciones tan fervorosas de amor a la Santísima Virgen.

Doy la enhorabuena más completa a mi Don José, el Obispo de la Virgen, y le prometo ir dentro de unos meses a saludar a la Señora y a besar el Anillo Pastoral del queridísimo Señor Obispo de Leiria.

Pide la bendición de Vuestra Excelencia Reverendísima el pecador Josemaría (55).

Publicação de «Caminho»

Por fim, acompanha a tradução de *Caminho*, que será publicado em

1946. Após o cartão de Urbano Duarte citado acima, um outro de 1945 manifesta que este já sabe da condição sacerdotal do autor: «Meu Rev.mo Padre», diz o segundo cartão, sabendo agora de quem se tratava. «Tive muita pena de não me encontrar com V. Rev^a tanto mais que andava com o meu Prelado, perto de Arganil, a preparar a Visita Pastoral». Por esta referência, deduz-se que Urbano Duarte se refere à viagem de Setembro de 1945, na qual S. Josemaria foi cumprimentar D. António Antunes a Arganil, no dia 26, depois de o ter procurado no Seminário de Coimbra no dia anterior.

«Como comuniquei – continua – já terminei a tradução do “Camino” e era minha intenção que depois de Novembro estivesse à venda. Como falta a determinação dos detalhes quanto à edição da parte de V. Rev^a, estou à espera que me seja dada a

palavra de marcha. Não tenho a mínima noção do que costumam exigir em Espanha, por isso V. Rev. determina à vontade. Peço, porém o favor de não demorar a resposta, porque a boa ocasião de sair era antes do Natal. Com a mais elevada consideração e estima Creia-me servo in Domino – P. Urbano Duarte» (56).

Este cartão ou algum outro não chegou ao seu destino, e, assim, enquanto S. Josemaria o esperava, estranhava o tradutor, por sua vez, tanta demora na resposta. O que não o impediu de lançar o livro no mercado (4 de Junho de 1946). A carta de 25-VI-1946 trata de desfazer o imbróglio, explica as condições impostas pela editora («Como então dizia, a edição foi entregue, porque eu não podia fazê-la com dinheiro pessoal, à “Livraria do Castelo” de Coimbra»), e estende-se em percentagens, descontos, direitos...

«É que o mercado português é muito reduzido, podendo considerar-se como excepcional uma tiragem de 3.000 exemplares. Além disso as livrarias distribuidoras ou de revenda não se contentam com um desconto inferior a 30%...» etc., etc. O certo é que «o livro já apareceu; já dei ordem para que o filho vá ver seu pai à casa paterna. Queira Deus em Portugal espalhar o bem que segundo me dizem ocasionou em Espanha. As insignificantes mudanças foram feitas por atenção ao meio português. In Christo ex corde P. Urbano Duarte» (57).

A última carta, de 10-XII-1947 – com papel timbrado do C.A.D.C. –, é para agradecer «a oferta gratuita das duas primeiras edições», embora insistindo com o Autor no pagamento de «cinco por cento sobre o custo», e para exprimir da sua imensa surpresa ao saber do Opus Dei, pois «estava longe de supor que por trás

da obra escrita que me entusiasmou existisse a obra viva em almas generosíssimas que hoje conheço». Refere-se aos primeiros membros da Obra que haviam chegado a Coimbra em Fevereiro de 1946. E explica a sua grata admiração: «Há bom senso, uma fé extraordinária e sobretudo na organização um sentido de actualidade chocante. Sinto-me pequeno diante dela. Digne-se a Infinita Bondade abrir os olhos à juventude de Portugal para que o Reino de Deus tenha ou volte a ter os seus apóstolos» (58).

* Hugo de Azevedo, doutor em Direito Canónico e Direito Civil Comparado pela Pontifícia Universidade Lateranense. Publicou vários livros, entre os quais se destaca a biografia de S. Josemaria, «Uma Luz no Mundo».

e-mail: hugodeazevedo@oninet.pt

Publicado em: Studia et Documenta, Rivista dell' Istituto Storico San Josemaría Escrivá(Roma), vol. 1 (2007), pp.15-39

Notas

1. Sobre estas viagens, José López Ortiz y Santos Moro Briz, *Josemaría Escrivá de Balaguer: un hombre de Dios*, Madrid, Palabra, 1992 (Testimonios sobre el Fundador del Opus Dei, 6), págs. 56-57; Testemunho de José López Ortiz, em Arquivo Geral da Prelatura (AGP), Sec. A, Leg. 222, Carp. 3, Exp. 10; François Gondrand, *Au Pas de Dieu*, Paris, France-Empire, 1982, págs. 187-188; Andrés Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, Madrid, Rialp, 1983, pág. 238; Hugo de Azevedo, *Uma Luz no Mundo*, Lisboa, Prumo - Rei dos Livros, 1988, págs. 190-193; Ana Sastre, *Tiempo de Caminar*, Madrid, Rialp 1991 (Parte II, cap. III: Expansión de la Obra en Portugal);

Manuel Martínez, *Josemaría Escrivá - Fundador do Opus Dei, Peregrino de Fátima*, Lisboa, Diel, 2002, págs.

71-79; Andrés Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, Madrid, Rialp, 1997-2003, vol. II, págs. 696-698.

2. Cfr., v.g., Andrés Vázquez de Prada, *op. cit.*, vol. I, págs. 577-593.

3. Cfr. Hugo de Azevedo, *op. cit.*, pág. 190-191. «Las puertas de Portugal nos las abrió la Santísima

Virgen, por las manos de Sor Lucía»: nota tomada por Hugo de Azevedo num convívio com outros membros do Opus Dei em Roma, Fevereiro de 1964.

4 Ouvido várias vezes pelos mais antigos fiéis portugueses da Prelatura aos que iniciaram o apostolado do Opus Dei em Portugal: Mons. Javier de Ayala, Francisco Martínez e Álvaro del Amo.

5. Cfr. *Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra*, nº 22 (1946) págs. 247-283: a conferência foi no dia 18-IV-44, dentro da «Semana Jurídica Espanhola», celebrada anualmente. Título: «La mejora en el sistema sucesorio español». Amadeo de Fuenmayor Champín (Valência, 1915 - Pamplona, 2005) era, desde 1943, catedrático de Direito Civil em Santiago de Compostela, onde permaneceu até 1947. Tinha conhecido S. Josemaria em 1939, e pouco depois incorporou-se ao Opus Dei.⁷ Ordenado sacerdote em 1948, foi Conselheiro do Opus Dei em Espanha nos anos cinquenta. É autor de numerosos trabalhos, tanto de Direito Civil como Canónico.

6. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, n. em Lousado, Famalicão, 29-XI-1888; f. em Lisboa, 1-VIII- 1977. Cardeal de Lisboa desde 1929 a 1971, ano em que resigna. Sobre a sua notável e bem conhecida figura eclesial e

pública, v., por ex., Moreira das Neves, *Cardeal Cerejeira, o Homem e a Obra*, Lisboa, Rei dos Livros, 1988.

7. Testemunho de Amadeo de Fuenmayor, conservado em AGP, Sec. A, Leg. 212, Carp. 1, Exp. 6.

8. Chegaram a Portugal no dia 16 de Julho; e a Coimbra a 19 de Julho; e terminaram as suas investigações em 20 de Outubro desse ano: notas conservadas na Comissão Regional do Opus Dei em Portugal. Laureano López Rodó (Barcelona, 1920 – Madrid, 2000) tinha pedido a admissão no Opus Dei em 1941. Depois da sua estadia em Coimbra, obteve a cátedra de Direito Administrativo em Santiago de Compostela em 1945, onde permaneceu até 1952. Ao longo da vida, desempenhou importantes postos na política espanhola (1962, Comissário geral do «Plan de Desarrollo»; 1965-1973, Ministro sem

pasta; 1973, Ministro dos Negócios Estrangeiros; 1977- 1979, Deputado).

Cfr. Hugo de Azevedo, *op. cit.*, pág. 192.

9. A data da vinda a Portugal de Francisco Martínez foi marcada justamente para que Laureano López Rodó, então em Portugal, lhe apresentasse os amigos que fizera em Coimbra no ano anterior: Notas de uma entrevista de Angelino de Seabra Lopes com Francisco Martinez Garcia,

10. Agosto de 1971, conservadas na Comissão Regional do Opus Dei em Portugal. Francisco Martínez García nasceu em Lorquí (Múrcia, Espanha) em 11-II-1921. Tendo pedido a admissão no Opus Dei em 1943, foi o primeiro dos seus membros a residir estavelmente em Portugal, desde 5-II-1946. Licenciado em Farmácia, foi assistente na Universidade de Coimbra. Regressou a Espanha em

1975, onde trabalhou como director do laboratório do Colégio Oficial de Farmacêuticos de Alicante. Aí faleceu a 10-V-1991.

11. *Recordações de Mário Vieira do Carmo Pacheco*, na Comissão Regional do Opus Dei em Portugal.

Sobre a vida e obra de Urbano Duarte, v. Manuel de Almeida Trindade, *Urbano Duarte. Ensaio biográfico e selecção de textos*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1989.

12. O carimbo do sobrescrito (guardado no AGP, Sec. E, Leg. 191, Carp. 551, Exp. 65) é de 28-VIII- 1945.

13. Cfr. v.g., Harry S. Truman, *Year of Decisions*, Garden City, N.Y., Doubleday & Company Inc., 1956, vol. II; Luis María Ansón, *Don Juan*, Barcelona, Plaza & Janés, 1994; José Antonio Gurriarán, *El Rey en Estoril*, Barcelona, Planeta, 2000, *Apéndice – Documentos*.

14. Notas tomadas por Hugo de Azevedo de uma conversa em Lisboa, 20-X-1951, conservadas na Comissão Regional do Opus Dei em Portugal. Miguel Chorniqué também recorda: «El Padre parece ser que se refirió al retroceso religioso que Portugal había sufrido»: testemunho conservado em AGP, Sec. A, Leg. 204, Carp. 2, Exp. 14.

15. Amadeo de Fuenmayor – Valentín Gómez-Iglesias – José Luis Illanes, *El itinerario Jurídico del Opus Dei. Historia y defensa de un carisma*, Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra, 1989, 2ª ed., págs. 145 e 154; José Orlandis, *Mis Recuerdos. Primeros Tiempos del Opus Dei en Roma*, Madrid, Rialp, 1995, págs. 29-34.

16. José López Ortiz (1898-1992) nasceu no Escorial (Madrid, Espanha). Entrou na Ordem de Santo Agostinho em 1917, e foi ordenado

sacerdote em 1922. Conheceu S. Josemaria na Universidade de Saragoça, em 1924. O trato mútuo tornou-se mais intenso desde 1939, convertendo-se numa profunda amizade. Catedrático de História do Direito desde 1934, foi também Vice-presidente do «Consejo Superior de Investigaciones Científicas». Em 10 de Julho de 1944 foi nomeado Bispo de Tuy-Vigo e consagrado a 21 de Setembro do mesmo ano. Em 1969 passou a Arcebispo titular de Grado e Vigário Geral Castrense.

17. Sobre esta viagem e as seguintes, há abundante documentação em AGP, Sec. A, Leg. 16, Carp. 2, Exp. 1.

18. Cfr. v.g., M. Fernando Silva, *Pastorinhos de Fátima*, Lisboa, Paulinas, 2003, pág. 415.

19. Notas tomadas de um encontro com D. Álvaro del Portillo no Colégio Planalto, Lisboa, 7-XII- 1986.

20. Cfr. M. Fernando Silva, *op. cit.*, págs. 416 e segs.

21. Hugo de Azevedo, *op. cit.*, pág. 191; José López Ortiz - Santos Moro Briz, *op. cit.*, págs. 56-57.

22. Tanto no seu testemunho publicado (v. supra), como na versão original, dactilografada, D. José López Ortiz diz: «Fue a verla...»; «Y me contó el Padre...», o que significa necessariamente que não estava presente no encontro. Também D. Álvaro del Portillo refere o sentido geral do breve diálogo de saudação, sem se cingir às palavras exactas de S. Josemaria e da Irmã Lúcia.

Igualmente, D. José López Ortiz dá duas versões semelhantes, mas diferentes, no testemunho dactilografado e no publicado. Por isso preferi registar aqui as palavras ouvidas por mim directamente do Fundador várias vezes,

designadamente em Roma, Fevereiro de 1964.

23. Hugo de Azevedo, *op. cit.*, pág. 191, nota 40.

24. De facto, a primeira notícia que conheço do Opus Dei em Portugal data de 1937. Referiu-se o Rev.º Padre José Maria de Lacerda, da Diocese de Lamego (Testemunho escrito e assinado pelo Rev.º Padre José Maria Lacerda, Lamego, 8 de Agosto de 2001, na Comissão Regional do Opus Dei em Portugal). Em 1937, no Seminário Maior de Lamego, o então professor de História Eclesiástica, Rev.º Dr. Manuel Fonseca da Gama, falara aos seus alunos do Opus Dei no contexto de uma exposição panorâmica da perene vitalidade da Igreja. Ao tratar da assistência constante do Espírito Santo à Igreja, salvando-a de inúmeros perigos, levando-a a superar todo o género de crises, e

enriquecendo-a com o surto providencial de novas espiritualidades e caminhos de santificação ao longo dos séculos, a começar pelos antigos ascetas e eremitas, lembrava o grande movimento monacal, as sucessivas formas conventuais da vida religiosa, os institutos missionários, as múltiplas congregações dedicadas aos mais variados fins apostólicos e caritativos... e, finalmente, para demonstrar que a Igreja mantém igual fecundidade e juventude no nosso tempo, dava como exemplos o movimento litúrgico de Solesmes e «o aparecimento, em Madrid, do Opus Dei, fundado pelo Padre José Maria Escrivá».

25. Cfr. Hugo de Azevedo, *op. cit.*, pág. 191. A Irmã Lúcia referiu-se muitas vezes a esse episódio no Carmelo de Coimbra, segundo me disse uma Irmã porteira do seu convento. E recentemente (haverá 4

ou 5 anos), o Padre Luís Kondor, do Verbo Divino, Vice-Postulador em Portugal da Causa dos Beatos Francisco e Jacinta, contou-me que ela lhe dissera que, enquanto residia em Tuy, possuía um visto do Governo português, permitindo-lhe passar a fronteira quando quisesse e com quem quisesse. Era-lhe fácil, portanto, entrar em contacto com os responsáveis governamentais e solicitar-lhes um visto de entrada para o Prelado de Tuy e três acompanhantes. Uma senhora muito amiga da Irmã Lúcia, D. Maria Eugénia Pestana de Vasconcelos, cuja família a tinha albergado durante as férias, quando frequentava o Colégio das Doroteias, na Rua do Vilar, Porto (cfr. M. Fernando Silva, *op. cit.*, pág. 416), disse-me que ela telefonara directamente para o Presidente do Conselho.

26. Hugo de Azevedo, *op. cit.*, pág. 191. Eliodoro Gil Rivera (1903-2000),

nasceu em Villada (Palência, Espanha). Ordenado sacerdote em 1927, conheceu S. Josemaria em 1931, com quem manteve estreita amizade durante toda a vida.

27. «Y entramos en Portugal por primera vez, sin ningún propósito concreto. Solamente para conocer Portugal, para rezar por Portugal»: notas tomadas de um encontro com D. Álvaro del Portillo no Colégio Planalto, Lisboa, 7-XII-1986.

28. De Valença do Minho a Viana do Castelo passam por Vila Nova de Cerveira e Caminha. De Viana ao Porto podem ter seguido por Barcelos ou Esposende. Do Porto a Leiria vão por Vila Nova de Gaia e Carvalhos, cruzam S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Albergaria-a-Velha, Águeda e Mealhada, atravessam Coimbra, e, por Condeixa-a-Nova e Pombal, chegam à cidade do Lis. Para os

itinerários desta e das seguintes viagens de 1945, além das indicações expressas em vários documentos, consultámos o «Mapa das Estradas Nacionais – escala 1: 800.000» do Ministério das Obras Públicas e Comunicações / Junta Autónoma de Estradas», «Classificação segundo o Decreto-Lei N° 34.593 de 11 de Maio de 1945».

29. Natural de S. Pedro de Fins, Maia, onde nasceu a 15-I-1872. Fez os estudos secundários em Braga e no Porto; estudos teológicos no Porto e na Faculdade de Teologia de Coimbra. Ordenado sacerdote em 5-VIII-1894. O seu nome tornou-se conhecido, não só pelos dotes oratórios, mas também pela acção desenvolvida nos meios intelectuais e operários da cidade do Porto. Os seus artigos nos jornais *A Palavra* e *A Liberdade* mereceram-lhe o ódio dos meios mais sectários dos inícios da República (1910), levando-o à prisão,

como, aliás, acontecera com o seu Bispo, D. António Barroso (hoje em processo de beatificação). Das torturas recebidas na prisão resultou-lhe uma grave deformação nas pernas. Em 15 de Fevereiro de 1920 é nomeado Bispo da recém-restaurada diocese de Leiria (hoje Leiria-Fátima), a cujos destinos presidiu até 4-XII-1957. O seu pontificado notabilizou-se pela unificação da diocese, antes dividida por dois bispados; pela fundação de um semanário diocesano com a sua própria editora; pela promoção do clero e da Acção Católica; pelos seus célebres sermões da Quaresma; e pela formação doutrinal do povo cristão. Mas ficou conhecido sobretudo, em Portugal e no estrangeiro, como o «Bispo de Nossa Senhora». De facto, a partir de 1930, ano em que declarou dignas de crédito as Aparições de Fátima (entre 13 de Maio e 13 de Outubro de 1917), nunca mais deixou de promover o

conhecimento da Mensagem de Fátima.

30. *Voz de Fátima* 23 (272) 13-V-1945, pág. 4, col. 3 – cfr. Arquivo do Santuário de Fátima *Fastos do Santuário de N^a-S^a- de Fátima 1943-1947*, fl 18.

31. Testemunho do Rev.^o Cón. Carlos Gonçalves de Azevedo, em AGP, Sec. A, Leg. 207, Carp. 3, Exp. 10. Redigindo-o trinta anos depois, em 8 de Setembro de 1975, confessa não recordar a data precisa, e supõe que terá conhecido S. Josemaria na Quinta da Formigueira, em Parada de Tibães, perto de Braga, e mais tarde terá estado com ele no paço episcopal, o que não é possível, pois o local dos dois últimos encontros de S. Josemaria com D. José Alves Correia da Silva foi essa Quinta, e não o paço. Devemos, portanto, situar neste dia as suas recordações, que são interessantes, sem dúvida. Afirma o

Cón. Azevedo que foi nessa altura que o Fundador ofereceu umas «sacras» de bronze ao sr. Bispo, o que também não é certo; pode referir-se a uma «promessa» de envio, que só se concretizou nos fins desse ano. Cfr. *infra* carta do Bispo de Leiria, 7-XII-1945, a agradecer as «sacras» após um complicado percurso. Para melhor compreensão deste testemunho, cfr. Andrés Vázquez de Prada, *op. cit.*, vol. II, cap. XIII.

32. Testemunho de M. Chorniqué, em AGP, Sec. A, Leg. 204, Carp. 2, Exp. 14. Deve tratar-se, com toda a probabilidade, do Cardeal Gouveia, de Lourenço Marques.

33. Segundo D. José López Ortiz (*op. cit.*, pág. 57), «pienso que primero fuimos a Fátima, a rezarle a la Virgen, y después a Lisboa, donde mantuvimos una entrevista con el Cardenal Cerejeira, que no entendió mucho la novedad de la Obra.

Después fuimos a Coimbra, y hablamos con el Obispo de allí, que fue todo efusión y cariño, y se manifestó muy dispuesto a ayudar. El Padre dispuso que se comenzaría allí la labor». Na citada entrevista com A. de Seabra Lopes (nota 10) Francisco Martínez recorda: «O Senhor Bispo de Coimbra, na altura, D. António Antunes, tinha um grande carinho pela Obra e uma grande admiração, e também pelo nosso Padre, e tinha pedido ao Padre que gostaria muito que fôssemos lá para Coimbra. Portanto, acho que o motivo principal foi este: o desejo do Bispo; tanto, que o Padre, durante o ano lectivo, disse-nos que encomendássemos, porque não sabia se devíamos ir a Portugal ou a Itália, e passados alguns dias, talvez dois dias, ou menos até, um, numa tertúlia em Lagasca, no Centro de Estudos onde estávamos, disse-nos que já tinha resolvido que iríamos a

Portugal e também a Itália; e depois soubemos que era a Coimbra».

34. D. António Antunes nasceu em 16-XI-1875. Recebeu a ordenação sacerdotal a 17-VII-1898. Nomeado Prefeito do Seminário, em 1899 foi enviado a Roma, doutorando-se em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana em 30-I-1903.

Simultaneamente completou o Curso de Filosofia na Academia Romana de S. Tomás de Aquino. Regressado a Coimbra, leccionou várias disciplinas teológicas e humanísticas. Com o advento da República, é confiscado o Seminário, tal como o convento das carmelitas, de que era capelão.

Nomeado Vice-Reitor do Seminário, consegue mantê-lo em funcionamento e recobrar em 1918 os seus edifícios, o mobiliário e o terreno circundante. Nomeado Bispo Auxiliar, e em 1924 Coadjutor, de D. Manuel Luís Coelho da Silva, após a morte deste sucede-lhe, em 1936,

como Bispo residencial de Coimbra. Dotado de grande piedade e prudência, o seu pontificado foi muito valioso para a sua diocese em todos os aspectos. Conheceu S. Josemaria três anos antes de falecer, o que ocorreu no dia 20 de Julho de 1948, e ainda teve a oportunidade de abençoar o oratório do primeiro centro do Opus Dei a 8 de Dezembro de 1946.

35. Na citada entrevista (nota 10), perguntado sobre quando soube que viria dar início ao apostolado estável do Opus Dei, Francisco Martínez responde: «Em Agosto de 1945, em Molinoviejo. Foi realmente o próprio Padre, não que me comunicou (...), mas me perguntou se eu desejava, se eu queria vir a Portugal para começar o trabalho de que já nos tinha falado durante o ano lectivo que acabou em Junho desse mesmo ano, de 1945; e eu, quando ele me perguntou se eu queria vir, disse-lhe

que, efectivamente, queria vir. O Padre ficou muito satisfeito e disse-me que fosse preparando a minha família para que soubessem que ia sair do país».

36. V. José Orlandis, *op. cit.*, págs. 63-64. Cfr. *infra Cartas comendatícias*.

37. Testemunho de Amadeo de Fuenmayor, conservado em AGP, Sec. A, Leg. 212, Carp. 1, Exp. 6.

38. Apontamentos de uma tertúlia com Mons. Álvaro del Portillo, Lisboa, 8-XII-1986.

39. Relato de Mário Pacheco, Lisboa, 16-II-1995, na Comissão Regional do Opus Dei em Portugal. Esta casa típica de estudantes de Coimbra não era considerada, porém, como «república» segundo a praxe coimbrã, por albergar universitários que não aceitavam as normas «praxísticas». Assim o corrobora um

estudiante desse tempo, Mário V. Trêpa, Aveiro, 24-IX-2004, notas conservadas na Comissão Regional do Opus Dei em Portugal. Cfr. Liberto Cruz - José Grandão - Nicolau Andresen Leitão, *O Mundo de Ruben A.*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1996, págs. 61-65.

40. Relato de Mário Pacheco, *cit.*

41. Cfr. Andrés Vázquez de Prada, *op. cit.*, vol. II, Apéndice XII, págs. 729, 732.

42. Carta de S. Josemaria ao Cardeal Cerejeira, Madrid, 13-IX-1945, no Arquivo da Cúria Patriarcal.

43. «El Padre no pensaba ir a Portugal – Me siento patriota en Portugal – Lo quiero tanto por lo menos como a España. – Un día llegamos a Lisboa no había lugar en un hotel de gallegos – tuvieron pena de no poder albergarnos – Hotel donde hacía mucho calor. Tenía que

ir a la ventana por el calor – Fuimos a otro – Tivoli – donde calor insoportable – pidió un sitio donde descansar. – Sin que el Pe. supiese telefonaran a Estoril – hicieron bien – Íbamos directamente a Estoril con conciencia tranquila, porque para trabajar desde que amanece día – si no se duerme 6 ó 7 horas no se aguanta. Por la mañana íbamos a Lisboa a trabajar. Estuvimos espléndidamente, ¡qué buena temperatura! Celebró en S. Antonio de Estoril – Iglesia pequeña, estilo colonial. Y he celebrado también en una iglesia de Salesianos – Cuantas veces he estado en Portugal – En el puente internacional de Valença do Minho – Era en aquellos años en que el P.e estaba habitualmente muy enfermo» – Notas tomadas por Hugo de Azevedo num convívio com outros membros do Opus Dei, em Roma, Fevereiro de 1964.

44. *Voz de Fátima* 25 (278) 13 Nov. 1945, pág. 2, col. 4. Cfr. Arquivo do Santuário de Fátima *Fastos do Santuário de N^a-S^a-de Fátima 1943-1947*, fl 25 V.

45. Neste ponto, D. Álvaro del Portillo não tem certeza de terem saído no próprio dia 23, ou já no 24; é de longe mais provável que tivessem saído no dia 24 de manhã; a tarde de 23 não daria tempo à viagem até ao Luso e às visitas que fizeram ao Bom Jesus e ao Porto. A não ser que tivessem saído no dia 23 à tarde, e dormido em Braga. Isso explicaria o que conta D. Álvaro: que celebraram a Santa Missa em Braga: apontamentos de D. Álvaro del Portillo sobre as viagens a Portugal em 1945, notas conservadas na Comissão Regional do Opus Dei em Portugal.

46. Nasceu em Arcos, Vila do Conde, em 5-V-1881. Fez os estudos eclesiásticos na Pontifícia

Universidade Gregoriana, que frequentou de 1903 a 1908. Bispo de Bragança de 1928 a 1932; Coadjutor de Braga, a partir de 14-VII-1932; Arcebispo de Braga de 1932 ao seu falecimento, em 19-VIII-1963.

47. Natural de Pensalves, Vila Pouca de Aguiar, onde nasceu em 7-III-1877. Aluno da Pontifícia Universidade Gregoriana de 1896 a 1903. Bispo de Lamego, de 1922 a 1942. Bispo de Porto de 1942 a 21-II-1952, dia em que faleceu.

48. Apontamentos de D. Álvaro sobre a viagens de 1945, *cit.*; e Tertúlia de D. Álvaro no Colégio Planalto, Lisboa, 7-XII-1986, *cit.*

49. *Ibid.*

50. Carta de S. Josemaria a D. António Antunes, 21-V-1946, em AGP, Sec. A, Leg. 259, Carp. 1.

51. Cópia da carta do Card. Cerejeira, 1-III-1946, em AGP, Sec. J, Leg. 4, Carp. 4, Exp. 1.

52. Cópia da carta do Card. Gouveia, 5-III-1946, em AGP, Sec. J, Leg. 4, Carp. 4, Exp. 1.

53. Cronologia, em AGP, APD D-18859.

54. Carta de D. José Alves Correia da Silva a S. Josemaria, 7-XII-1945, em AGP, Sec. E, Leg. 166, Carp. 520, Exp. 6.

55. Arquivo histórico de Leiria-Fátima: Di 336-1- Josemaria Escrivá de Balaguer L1- 62.

56. Carta de Urbano Duarte a S. Josemaria, 26-VI-1946, em AGP, Sec. E, Leg. 191, Carp. 551, Exp. 65.

57. Carta de Urbano Duarte a S. Josemaria, 26-VI-1946, *ibid.*

58. Carta de Urbano Duarte a S.
Josemaria, 10-XII-1947, *ibid.*

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/primeiras-
viagens-de-s-josemaria-a-portugal-1945/](https://opusdei.org/pt-br/article/primeiras-viagens-de-s-josemaria-a-portugal-1945/)
(03/04/2025)